

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JESSICA NAIARA SOUZA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO PROCESSO DE
IDENTIDADE E AUTOESTIMA DOS NEGROS: Uma revisão narrativa de
literatura**

**Juína-MT
2019**

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

JESSICA NAIARA SOUZA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO PROCESSO DE
IDENTIDADE E AUTOESTIMA DOS NEGROS: Uma revisão narrativa de
literatura**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES - Faculdade do Vale do Juruena, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Profa. Me. Amanda Grazielle Aguiar Videira.

Juína-MT

2019

AJES – FACULDADE DO VALE DO JURUENA

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

SILVA, Jessica Naiara Souza da. **A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO PROCESSO DE IDENTIDADE E AUTOESTIMA DOS NEGROS:** uma revisão narrativa de literatura. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – AJES Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2019.

0000

Data da Defesa: 05/06/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Me. Amanda Graziele Aguiar Videira
AJES.

Presidente e Coorientadora: Profa. Dr. Marileide Antunes de Oliveira
AJES.

Membro Titular: Profa. Esp. Dalila Mateus Gonçalves
AJES.

Membro Titular: Profa. Esp. Josimara Diolina Ferreira
AJES.

Local: Associação Juinense de Ensino Superior.

AJES – Faculdade do Vale do Juruena.

AJES – Unidade Sede, Juína-MT.

DECLARAÇÃO DE AUTOR

Eu, Jessica Naiara Souza da Silva, portadora da Cédula de Identidade- RG nº2778608-0 SSP/MT, e inscrita no Cadastro de Pessoas físicas do Ministério da Fazenda CPF sob nº 06032446107, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO PROCESSO DE IDENTIDADE E AUTOESTIMA DOS NEGROS: uma revisão narrativa de literatura, pode ser parcialmente utilizada, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo ainda a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita a fonte a ao autor

Juína, 17 de junho de 2019.

Jessica Naiara Souza da Silva

AGRADECIMENTOS

O ato de ser grato vai além de realizar agradecimentos momentâneos, agradecer é um estado de espírito, ser grato a vida inclui agradecer aos momentos bons e ruins. Durante todo o período deste trabalho e os cinco anos de faculdade, muitas situações aconteceram coisas que poderiam ter me tirado do caminho do meu sonho, porém as pessoas que estavam comigo me fizeram ser grata por todos os momentos vividos. Dessa forma quero aqui agradecer a essas pessoas:

Em primeiro lugar a minha mãe Eunice de Souza que é a mulher que me inspira, por sua força e determinação, ela me ensinou a ver coisas boas em todas as situações da vida, sempre me apoiou em meus sonhos, até mesmo quando eu não acreditava neles, e fazia de tudo para que eles se realizassem, deixo aqui meus agradecimentos também a meu pai Enéias, um homem bom, que sempre se orgulhou de mim, a minha irmã Tainara que me inspira todos os dias a ser alguém melhor, eu amo vocês.

Agradeço também ao meu companheiro que durante todo o período da faculdade e até mesmo antes, sempre me incentivou e acreditou em mim, teve paciência em estar comigo em meus piores momentos, você sempre diz que quer ser igual a mim, mas o que você não sabe é que você é uma das minhas inspirações, homem trabalhador, com autonomia e muito amor no coração por todos o que o cerca.

Agradeço ainda a minha orientadora Amanda, que é a minha inspiração profissional, o amor que ela possui pela nossa profissão é reconfortante e me faz acreditar nas pessoas e na Psicologia, em meio a tantas dificuldades enfrentadas pela profissão, você consegue ver coisas positivas e isso de certa forma também me faz ter esperanças, você brilha e transforma todos a sua volta.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas de classe, foram cinco anos vivendo situações intensas juntos, ríamos, chorávamos, nos desesperávamos e ríamos de novo, agradeço em especial aos amigos e amigas: Claudiane Rodrigues, Leandro César, Maycon Douglas, Andressa Warmeling e Jaqueline Souza, vocês foram e são muito importantes para mim os levarei para o resto da vida. Deixo aqui ainda meus sinceros agradecimentos a todos que torcem por mim, aprendi muitas coisas durante a minha vida, mas os maiores aprendizados se deram dentro da faculdade, o maior deles foi o quanto as pessoas são importantes.

Amo vocês!!!

EPÍGRAFE

“A carne mais barata do mercado é a carne negra”

Elza Soares

RESUMO

O objetivo deste estudo foi identificar na produção científica nacional a influência da representatividade negra no processo de autoestima e formação da identidade dos negros; verificando em que nível estaria os estudos sobre a temática no Brasil, optou-se dessa forma por trabalhar com uma revisão narrativa de literatura, nas bases de dados Scielo, Pepsic e Lilacs, tendo como base expor o andamento dos trabalhos nacionais sobre a temática. A partir disso foi encontrado uma escassez de materiais científicos sobre o tema, optando-se assim por elencar os fenômenos de maneira separada, e os interligando durante a discussão, dessa maneira os resultados encontrados demonstraram a importância que a representatividade possui, uma vez que a autoestima e a identidade recebem grande interferência do meio social em que vivem, dessa forma um ambiente representativo, auxilia o negro nas suas questões internas, ressaltando ainda a necessidade de estudos científicos sobre o tema, já que os mesmos são extremamente escassos, e o Brasil ainda possui grandes problemas nas causas raciais, seja na educação, na omissão da sociedade racista, na falta de representação e na falta de discussões sobre o tema, o presente trabalho possui o intuito de fomentar e eliciar nos leitores uma visão crítica sobre a temática, promovendo discussões no meio acadêmico.

Palavras-Chave: Auto estima; Construção da Identidade; Representação; Negros.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar en la producción científica nacional la influência de la representatividad negra en el proceso de autoestima y formación de la identidad de los negros; en el que se estudia sobre la temática en Brasil, se optó de esa forma por trabajar con una revisión narrativa de literatura, en las bases de datos Scielo, Pepsic y Lilacs, teniendo como base exponer el progreso de los trabajos nacionales sobre la temática. A partir de eso se encontró una escasez de materiales científicos sobre el tema, optando si así por enumerar los fenómenos de manera separada, y los interconectando durante la discusión, de esa manera los resultados encontrados demostraron la importancia que la representatividad posee, una vez que la autoestima y la identidad reciben gran interferencia del medio social en que viven, de esa forma un ambiente representativo, auxilia al negro en sus cuestiones internas, resaltando aún la necesidad de estudios científicos sobre el tema, ya que los mismos son extremadamente escasos, y Brasil aún, que tiene grandes problemas en las causas raciales, sea en la educación, en la omisión de la sociedad racista, en la falta de representación y en la falta de discusiones sobre el tema, el presente trabajo tiene el propósito de fomentar y elir en los lectores una visión crítica sobre la temática, promoviendo discusiones en el medio académico.

Palabras-clave: Autoestima; Construcción de la identidad; representación; Negro.

LISTA DE ABREVIATURAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
LILACS	Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde
PEPSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
IBGE	Instituto Brasileiro Geografia e Estatística
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRP	Conselho Regional de Psicologia
MPT	Ministério Público do Trabalho

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aparição de negros nas revistas Veja e Época	29
Gráfico 2 - Atores protagonistas das novelas da Rede Globo (1985 – 2014).....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JUSTIFICATIVA.....	14
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3 METODOLOGIA.....	16
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	16
3.2 COLETA DOS DADOS	16
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	17
3.3.1 Critérios de Inclusão	17
3.3.2 Critérios de Exclusão	17
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	17
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	19
4.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO NEGRO NO BRASIL	19
4.2 A RELEVÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	22
4.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AUTOESTIMA.....	25
4.4 TIPOS/LUGARES DE REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS DIAS ATUAIS	28
5 DISCUSSÃO	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a importância da representatividade negra no processo de identidade e autoestima dos negros, com o intuito de verificar a produção de trabalhos científicos produzidos na área. A psicologia possui como função social garantir os direitos da sociedade considerando o bem-estar biopsicossocial dos indivíduos, dessa forma o negro e o racismo se tornam objeto de estudo de tal ciência, a fim de fomentar debates que coloquem as dificuldades enfrentadas em discussão.

A autoestima é um processo de construção individual, que está fortemente ligada com o autoconhecimento. Visto que, os seres humanos estão sempre em um processo de mudança e amadurecimento, podemos dizer que a autoestima é construída com o tempo. Para um indivíduo se conhecer, é necessário que ele se reconheça como indivíduo, quanto maior sua interação com o meio social, maiores serão as vantagens para seu amadurecimento, crescimento, capacidade de transformação e maiores qualidades como indivíduo (JULIO, 2011).

Pode-se assim dizer que a autoestima é algo construído, a qual o indivíduo constrói no decorrer da vida, com suas relações intrapessoais e interpessoais, possibilitando a auto apreciação, autovalorização, valorização de sua origem racial e pôr fim a autoestima. Se os atributos de, somente, uma cultura for considerada como padrão e única, será difícil das demais pessoas “diferentes” desenvolverem um amor próprio e uma boa autoestima, sendo este, o caso de pessoas negras no Brasil (JULIO, 2011).

Hall (1997) diz, que representação, é quando membros de uma cultura utilizam de uma linguagem, para atribuir a ela significado, tendo a sociedade grande responsabilidade nesse processo. Se em uma sociedade miscigenada, somente uma cultura é apreciada e, se a ela for dado significado, as outras não serão vistas e julgarão que as suas atribuições não são importantes, nem bonitas ou que mereçam serem vistas.

No Brasil, a formação da cultura foi eurocêntrica (centrada nos padrões da Europa), considerando que somente os atributos do homem da Europa fossem valorizados, dessa forma, quem se aproximava de tal padrão era “normal” e os

demais, que não se enquadravam, eram “anormais”. As mídias reproduzem em abundância esse padrão de normalidade, fazendo com que a beleza negra não seja vista, muito menos representada (FERNANDES, 2016).

O negro é marcado por estereótipos negativos, algo que acompanha o Brasil desde o processo de escravidão. Ser negro é considerado algo negativo, e quando a sociedade (mídia, marcas, indivíduos, lojas, mercado de trabalho etc.) reforça todos esses estereótipos, o próprio negro acaba por considerar tais hipóteses como verdadeiras. No Brasil, a luta contra o racismo se intensificou nos últimos anos, com o reconhecimento do mesmo, como sendo um determinante de condições de saúde (AMARAL, 2011). Com o intuito de acabar com a diferença racial e de gênero nas escolas, foi criada a Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que normatiza:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003)

Em pesquisa realizada pelo IBGE (2014), foi verificado que 53,6% da população se reconhece como negra ou parda e, mesmo assim, quase não existe a representatividade do grupo nos meios comerciais, uma vez que, quando algo não é mostrado, é como se não existisse, é o que acontece com a beleza e as características do povo negro. Dessa forma, a presente revisão de literatura busca identificar na produção científica o nível/estilo de representatividade negra no processo de autoestima e formação da identidade dos negros, com a seguinte questão: “Quais evidências científicas correlacionam a representatividade com a autoestima e formação de identidade dos negros?”

Para uma melhor compreensão e facilidade, durante a leitura da revisão, na primeira parte serão apresentadas a justificativa e os objetivos gerais e específicos, na segunda parte está a metodologia, que descreve o caminho que se percorreu para encontrar os materiais necessários para o delineamento, bem como a conceituação desta revisão narrativa e os critérios de inclusão e exclusão. Na terceira parte se encontra a fundamentação teórica, na qual será abordado: um breve histórico do negro no Brasil, conceito de representatividade, a formação de identidade e

autoestima dos indivíduos e os tipos de representatividade existentes. Por fim, na última parte, estão as discussões/considerações finais e as referências dos materiais encontrados para a realização da pesquisa.

1 JUSTIFICATIVA

Os primeiros trabalhos científicos em que o negro/racismo foi estudado em uma vertente psicológica, datam de 1862-1906, por Raimundo Nina Rodrigues, que tinha como foco a compreensão de como era para a população negra viver na realidade brasileira, visto seu contexto histórico e as dificuldades cotidianas (SCHUCMAN, MARTINS, 2017).

Na busca por materiais acerca do tema, observou-se que o assunto ainda é escasso e carente de discussão, uma vez que discussões e debates são o primeiro passo para o processo de mudança (reconhecer que se tem um problema), já que se sabe que o racismo é responsável por vários danos psicossociais.

A psicologia tem como papel o compromisso social de que todas as pessoas possuam seus direitos garantidos, sejam respeitadas e valorizadas. A questão racial no Brasil, é algo que necessita de discussões, realizar uma revisão que fomenta os debates entre autoestima e formação da identidade das pessoas negras, correlacionando com a representatividade, é relevante tanto para a produção do conhecimento científico psicológico, quanto para a valorização do movimento negro na busca por direitos e espaços na sociedade.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar na produção científica nacional a influência da representatividade negra no processo de autoestima e formação da identidade dos negros.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Destacar as influências que a representatividade possui no processo de formação de identidade e autoestima dos indivíduos;
- Elencar os principais tipos de representatividade.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Metodologia é o processo crítico para a confecção de um trabalho científico, questionando e indagando sempre, os limites e possibilidades a serem seguidos (DEMO, 1989). Para elaboração deste estudo foi escolhida como método de pesquisa, a revisão de literatura com uma pesquisa qualitativa que apresenta os resultados através de percepções e análises.

De acordo com Martins (2004) as metodologias qualitativas analisam os micros processos, através de ações sociais tanto individuais quanto grupais, uma característica interessante de tal método é a flexibilidade que a mesma oferece, mais precisamente nas técnicas de coletas a serem utilizadas, que podem se adequar a pesquisa e as observações que forem realizadas. A pesquisa bibliográfica equivale na utilização de materiais já publicados, em revistas livros artigos, publicações avulsas e impressa, escrita com o objetivo de facilitar estudos sobre a temática, e assim proporcionar uma nova análise dos materiais, com o objetivo de expor resultados inovadores (MARCONI; LAKATOS, 1992).

Rother (2007) define revisão narrativa como publicações amplas que descrevem o andamento de um assunto no meio científico, apresentando de forma crítica os materiais existentes, assim vista a dificuldade de encontrar materiais científicos sobre a temática do negro e da representatividade sobre uma perspectiva da autoestima e construção da identidade, viu-se que a revisão narrativa era a mais indicada devido as realidades encontradas. A revisão narrativa se divide em: Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências.

3.2 COLETA DOS DADOS

Para a realização das buscas em português do presente trabalho, foram realizadas buscas no portal da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), que possui um vocabulário estruturado, disponível em três idiomas: português, inglês e espanhol, contendo materiais dos principais bancos de dados de periódicos científicos, como: LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde), PePSIC (Periódicos

Eletrônicos em Psicologia) e Scielo (Scientific Eletronic Library Online). As palavras-chave utilizadas foram: Negros; Autoestima; Identificação; Representação Social.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Para esta revisão ter um bom andamento e organização, foi necessário definir os critérios de inclusão e exclusão para melhor delimitação do tema. Assim tem-se:

3.3.1 Critérios de Inclusão

- Artigos na íntegra;
- Artigos nacionais;
- Livros;
- Artigos sem delimitação de tempo;
- Revistas
- Matérias jornalísticas;

3.3.2 Critérios de Exclusão

- Teses
- Artigos em língua estrangeira
- Anais de Congresso
- Artigos pagos

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A primeira etapa da pesquisa foi realizar a delimitação do tema, bem como os objetivos a serem realizados, para tanto foi formulado o problema de pesquisa: “Quais evidências científicas correlacionam a representatividade com a autoestima e formação de identidade dos negros?”. Na segunda etapa foram realizadas pesquisas

em sites acadêmicos para reunir material empírico, a fim de construir a fundamentação teórica, utilizando os sites: o portal da BVS, os bancos de dados SciELO, PePSIC e Livros Online.

Na terceira etapa coletaram-se os dados, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão acima expostos, buscando os artigos com as seguintes palavras-chave: negros, autoestima, identificação e representação social. A cada material encontrado eram feitas leituras para a escolha dos materiais que se enquadrassem na discussão central: “A importância da representatividade negra no processo de identidade e autoestima dos negros”.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO NEGRO NO BRASIL

Para compreender o contexto do negro no Brasil é necessário contextualizar a sua chegada no país e os enfrentamentos que os mesmos tiveram no período da pré escravidão, durante a escravidão e com a sua abolição. No presente capítulo será abordado um breve panorama da inserção do negro no Brasil e algumas das consequências que tal inserção teve para os seus descendentes.

A chegada do negro no Brasil aconteceu cerca de 50 anos depois do seu descobrimento, pois os índios estavam em menor número em consequência de doenças e violência trazida pelos europeus. Dessa forma, os negros chegaram no país como mercadoria, que já era exportada para a Europa, para trabalharem em lavouras e minas, sendo vistos como instrumentos de trabalhos, tendo desconsiderados os seus sentimentos, vontades, famílias, direitos, saúde, dentre outras necessidades (RODRIGUES, 2010).

Os negros foram trazidos da África em navios extremamente lotados, em um ambiente deplorável, sem alimentação e com muita sujeira, o que resultava na proliferação de muitas doenças contagiosas. A primeira medida para mudar a realidade dos negros no Brasil, foi a Lei Eusébio de Queiroz (Ministro de justiça) criada entre os anos de 1848-1852, que proibia o tráfico de escravos para o Brasil devido aos transtornos que vinham ocorrendo (SANTOS; NETO 2011).

Rodrigues (2010) traz que a lei não foi seguida, já que os escravos continuavam sendo traficados para o Brasil, para trabalhar nas plantações de café, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Tal lei não foi criada por questões humanitárias, mas sim para preservar a “integridade” dos brancos já que o número de escravos estava aumentando, o que podia colocar os brancos em perigo, outra justificativa é que os fazendeiros estavam devendo uma grande quantidade de dinheiro para os traficantes de escravos, o que poderia levar a perda de suas terras para pessoas consideradas “perigosas”.

Os navios chegavam nos portos carregados de pessoas negras que se tornariam escravas, elas eram divididas independente do grau familiar e mandadas para todo o país, mal-usavam roupas, apenas panos para cobrir as partes íntimas, além disso, logo

que chegavam, seus cabelos e barbas eram cortados, o que resultava em uma descaracterização de suas origens (DOMINGUES,2007)

Os traficantes de escravos sempre traziam um número maior de escravos, para poder vendê-los em feiras, nesses locais, eles eram expostos para que os compradores realizassem os “testes”: resistência física, doenças, dentes, capacidade de sentir dor, teste do suor (o comprador passava os dedos pelo corpo do escravo para verificar se seu suor era verdadeiro, o que representava um bom estado de saúde). Com as mulheres, os testes possuíam caráter sexual, seus seios eram apalpados, bem como as suas nádegas, o parâmetro era escolher a que possuía maiores “atributos”, para serem escravas sexuais e também amas de leite (DOMINGUES, 2007).

Não eram todos os escravos que aceitavam a escravização, muitos fugiam, ameaçavam as famílias dos senhores e acabavam sendo perseguidos e torturados. Para acabar com o sofrimento, muitos cometiam suicídio de várias maneiras, o mais realizado era o *banzo*, que consistia na ingestão de terra por vários dias o que provocava uma morte lenta, outro método era se afogar em algum rio, pois, os mesmos acreditavam que ao morrer nas águas suas almas voltavam para suas casas (RODRIGUES, 2010).

Quando nascia uma criança mestiça, quanto mais seus traços eram parecidos com alguém branco, maior seria seus privilégios, como: conviver na casa de seu pai e ter acesso à educação. As mães recomendavam para seus filhos que deixassem de lado sua cultura (roupas, crenças, penteados) e se aproximassem mais da cultura eurocêntrica, afim de sofrerem menos e terem mais perspectivas de vida (SANTOS; NETO, 2011).

Moura (1996) diz que:

[...] em nosso país, apesar de todos se dizerem avessos ao racismo, não há quem não conheça cenas de discriminação ou não saiba uma boa piada sobre o tema. Ainda hoje o trabalho manual é considerado aviltante e a 23 hierarquia social reproduz uma divisão que data da época do cativo. Com naturalidade absorvemos a ideia de um elevador de serviço ou de lugares que se transformam em verdadeiros guetos raciais. É por isso que não basta condenar a história, ou encontrar heróis delimitados. Zumbi existe em cada um de nós. É passado e é presente (MOURA, 1996. P.30).

O Brasil é o país que mais importou mão de obra escrava, e foi também o país que mais tarde “aboliu” a escravidão. Em 1888 com a chamada Lei Áurea, milhares de negros e negras foram para as ruas, sem dinheiro, sem emprego, longe de suas terras e sem perspectivas futuras, uma vez que toda mão de obra foi renovada com imigrantes de países europeus, já que a ideia era branquear o país, pois, como dito anteriormente, o número de escravos superava o de brancos (MALAFAIA, 2018).

Tantos anos de escravização trouxeram prejuízos para as pessoas negras, as quais sofrem grande preconceito até hoje e, raramente, se veem ocupando grandes cargos ou em papéis de destaque na sociedade, já que seus privilégios e oportunidades são quase nulos. São hostilizadas diariamente, mesmo sendo 53,6% da população brasileira (IBGE, 2014), o preconceito com a sua cultura é significativo, e um dos maiores problemas é que os brasileiros não reconhecem que vivem em uma sociedade racista.

Com o branqueamento, cujo o intuito era amenizar os traços negroides da sociedade brasileira (sobre respaldo científico) a tornando mais harmônica e habitável, foram feitos estudos que comprovavam os prejuízos que os países teriam em ter uma sociedade com um número significativo de pessoas com traços negroides. Assim, o sonho de todo negro se tornou ser branco, para parar de sofrer e passar a ter privilégios, no entanto, como esses sonhos não eram possíveis, os negros passaram a negar a sua cultura e a se relacionar com os imigrantes europeus, para que ao menos os seus filhos tivessem outras perspectivas futuras (FERREIRA; CAMARGO, 2001).

As diferenças étnico-raciais existentes no Brasil, levam a que grupos sociais sejam marginalizados com estereótipos criados por uma sociedade racista, existindo assim um padrão fenotípico para pessoas consideradas ricas, bonitas, criminosas, desejadas, inteligentes e etc. Nessa escala, o negro no Brasil, não é visto com características positivas, existe um padrão (pele branca, olho claro, cabelos lisos) e tudo que se afasta desse padrão é considerado inferior e deslocado, o que muitas das vezes acontece com a população negra brasileira (SANTOS; NETO, 2011).

Os prejuízos que os negros tiveram com a escravização são notórios nos seguintes dados: de um total de 13,7 milhões de desempregados que o país possui, 63,7% são negros (de cada 3 desempregados 2 são negros), comparando os salários,

brancos ganham em média 2.757 reais, enquanto negros 1.531 reais. O trabalho escravo contemporâneo que é fruto da discriminação histórica existente, foi resgatado nos últimos 19 anos, quando 49.942 trabalhadores estavam em situação de trabalho configurado como escravo (IBGE, 2014).

Um estudo realizado pelo Instituto Ethos e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com as 500 maiores empresas do país, constatou que quanto mais se sobe na escala dos cargos, menos negros se encontram, existindo um total de 4,7% de negros em posições executivas. Procurado as direções das companhias, 80% delas não possuíam nenhuma ação afirmativa, e ainda consideram que o baixo número de posições executivas se dá pela falta de qualificação profissional e a falta de interesse dos negros pelos cargos.

Com uma pesquisa do IBGE (2014), foi visto que os afrodescendentes estão entre 14% da população rica do país, em entrevista para o jornal Correio Braziliense, Erivaldo Oliveira da Silva, o presidente da Fundação Palmares disse que: “No Brasil, até negros com grande formação intelectual sofrem com a resistência para alcançar posições de direção. Muitas vezes, temos que provar 10 vezes mais a nossa competência” (CORREIO BRAZILIENSE, 2017).

Assim, são nítidas, as consequências negativas que a escravidão trouxe para os negros, os mesmos sentem os respingos da escravização até hoje. Tais consequências se estendem até as gerações futuras, pois, são com essas representações que os mesmos crescem. No próximo capítulo, a temática da representatividade será melhor exposta, assim como a relação que a mesma tem com a formação de identidade dos negros e no processo de autoestima.

4.2 A RELEVÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Após ter visto sobre a chegada do negro no Brasil e as dificuldades que o mesmo possui até os dias atuais, é fácil compreender que a sua representação na sociedade é vista de maneira negativa. No presente capítulo serão abordados os conceitos de representação, bem como o impacto que a mesma causa na população negra.

O negro recebe uma carga negativa, uma vez que suas características físicas

e culturais recebem um enorme estereótipo e preconceito, herdados do contexto histórico escravocrata do Brasil. No capítulo anterior foi descrito um breve histórico da inserção do negro no Brasil, essas informações são necessárias para a compreensão da realidade atual do negro, e todas as consequências que a escravidão trouxe para esses indivíduos. Neste capítulo, serão abordados os conceitos de representatividade e sua importância para a população negra (MALAFAIA, 2018).

Como citado anteriormente o país sofreu um branqueamento após a abolição da escravidão, para a diminuição dos traços negroides da população. Com essa tentativa de extermínio dos negros, os mesmos ficaram abalados e entraram em um processo de desconstrução da sua identidade racial, já que suas características eram consideradas inferiores (desvalorizadas) e até perigosas em relação a dos brancos que eram exaltadas, valorizadas e consideradas como um ideal a ser almejado (FERNANDES; SOUZA, 2016).

No Brasil, um grande problema existente, é que a sociedade não se considera racista, existindo uma falsa ideia de que tal crime não faça parte da realidade nacional, dessa forma, o mesmo se enquadra em um termo chamado “racismo velado”, quando o mesmo aparece em diversas situações, porém, é ignorado e pouco discutido, sendo visto e sentido da mesma forma, porém com diferentes interfaces, a representação é uma delas. Desde a abolição a maioria dos negros ocupam os mesmos lugares, seja na vida cotidiana, nas novelas, nos filmes, na literatura, nas universidades, dentre outros espaços sociais (MALAFAIA, 2018)

Silva e Monteiro (2018), trazem que é por meio das representações sociais que os indivíduos se comunicam e expressam os sentidos que colocam ao tempo. As representações são dinâmicas e transformam de acordo com o tempo e o espaço, as autoras ainda dizem, que a mídia possui um importante papel na construção da representação social. Chartier (1990) escreveu em seu livro *História cultural entre práticas e representações*, que as representações são variáveis determinadas pelas classes de uma sociedade, sendo ela objeto de poder e manipulação. Dessa forma, o poder está em quem é representando, este impõe ao outro sua perspectiva de vida e visão de mundo, já os que não são representados acabam por serem oprimidos e obrigados a conviverem com uma espécie de representação que não é a sua.

Segundo Chartier, existe o ser-percebido e o ser, o *ser-percebido* está

diretamente ligado com as representações sociais, ou seja, é o que os indivíduos percebem uns nos outros. Essa percepção que os indivíduos realizam, afeta diretamente na autopercepção de cada um, nesse momento coloca-se em evidência o conceito dado pelo autor sobre o *ser*, que é a imagem do *eu real* que cada pessoa tem sobre si, porém que sofre consequências do meio. Essa percepção social está diretamente ligada com as representações sociais, já que, o que é representado, é considerado normal e o que foge dos “padrões”, é considerado anormal (CHARTIER,1990).

Para se resolver a questão do que é representado ou não, é necessário tornar presente o ausente, que muitas das vezes é esquecido, e como não é representado é como se não existisse, porém, o problema só é resolvido mediante uma representação adequada. Sendo assim, o indivíduo deve se ver/reconhecer no outro, seja nas qualidades, aparência física, profissão, cargo, dentre outras instâncias (CARVALHO, 2005).

Assim relacionando o *ser-percebido* com a representatividade negra, pode-se considerar que, com o negro sendo representado de maneira negativa, a sociedade possivelmente terá uma visão generalizada de tais indivíduos, o que afetará na formação da identidade dos afrodescendentes. Mesmo se suas realidades não forem aquelas e a representação ocorrer com algum ponto a associação do indivíduo, o mesmo terá danos na sua autopercepção (CARVALHO, 2005).

Dessa forma, assumir a identidade negra nos dias atuais é algo difícil para os negros, uma vez que as suas características estão sempre correlacionadas com imagens negativas, o que torna difícil o processo de aceitação. Diante de tantos fatos e exposições que estão por todos os lados, muitos acabam negando suas origens e identidades, um exemplo, são as nomenclaturas: moreno, canela, escurinho, queimado de sol, para não se referir ao outro como, negro, por ser considerado algo negativo (MALAFAIA, 2018).

O autor Vergne (2015) diz que:

A violência racista do branco é exercida, antes de tudo, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização forçada e brutal dos valores e ideais do branco é obrigado a adotar para si modelos incompatíveis com seu próprio corpo – o fetiche do branco, da brancura (VERGNE et al. 2015, p. 526).

Um agravante ainda é a questão dos privilégios, uma vez que, ter uma pele escura dentro de uma sociedade racista, carrega uma falsa ideia de que as pessoas almejam as coisas somente por mérito e esforços. A situação agrava ainda mais as crises de identidade e, consequentemente, os sofrimentos psíquicos vividos pela população negra. Um exemplo de tal situação é a questão da busca por emprego, o branco não possui culpa pelas empresas os escolherem no lugar dos negros, porém um dos principais motivos é a questão de que, o branco nasceu com traços que são valorizados na sociedade, logo ele é privilegiado somente pelos seus traços físicos.

Nesse capítulo realizou-se a conceituação do tema representatividade, bem como das consequências que as representações positivas e negativas causam na população negra. A fim de fomentar ainda mais a discussão, no próximo capítulo serão descritos os conceitos de autoestima e construção da identidade. Assim poderá se fazer uma correlação posterior, da representatividade na construção da identidade e da formação da autoestima dos negros.

4.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AUTOESTIMA

Nos primórdios da civilização, a autoestima carregava uma conotação negativa, pois, era vista como um defeito do ser humano, característica de pessoas ditas esnobes, egocêntricas e que consideravam ser melhores que as outras. Sócrates incitava que seus discípulos praticassem seu autoconhecimento, mas o termo ainda não existia (ASSIS; AVANCI, 2004). Tal fato pode ocasionar surpresa, pois nos dias atuais, a autoestima é um termo associado a um fenômeno subjetivo positivo.

Para melhor compreensão, o termo foi introduzido por Willian James em 1885, ele definia autoestima como: “o que sentimos por nós”, o que incluía fracassos, sucessos, relações sociais, pretensões e potencialidades. A autoestima é caracterizada como a avaliação que o indivíduo tem de si próprio, e está diretamente ligada com a interação social e com o processo de construção de identidade dos indivíduos (VASCONCELOS, 2017).

Branden (1995) discorda de James no sentido de que a autoestima depende do meio externo, para ele a autoestima está ligada as operações mentais, logo, vem de dentro do indivíduo, é o que o mesmo sente por si, sem interferências do contexto

social.

Rosenberg (1965) trouxe a importância de os indivíduos estarem integrados com seu meio social, trazendo o conhecimento empírico de que as pessoas internalizam opiniões que outras pessoas possuem delas (conhecidas como figuras chave), por meio de sua própria percepção, desse modo percebem olhares, atitudes, representações e expressões. Por identificação com o momento atual, neste trabalho, ao abordar a temática da autoestima, serão considerados os conceitos de Rosenberg.

Rosenberg enfatizou que a criança não consegue penetrar no seu próprio interior, dessa forma, observam como os que estão à sua volta reagem a ela, de maneira verbal e não verbal, e só então começam a aprender sobre si. Os estudos da autora foram um marco para a transformação da autoestima em um objeto da ciência, colocando que a mesma não envolve só os sentimentos dos indivíduos, mas também a percepção, a cognição e o processo para a tomada de atitudes (ROSENBERG, 1989).

Staerke (1996) concorda que a autoestima é construída e depende das interações sociais, diz ainda que alguém com uma autoestima saudável é um dos primeiros passos para a felicidade, já que o amor próprio é a base para outros sentimentos. A autora aborda que, pessoas com a autoestima saudável, também sofrem de problemas como ansiedade e depressão, porém, possuem uma maior capacidade de resiliência (enfrentamento dos problemas), superior à de pessoas com baixa autoestima.

Atualmente, a autoestima é vista como um termo ligado a saúde mental, esta última, por muito anos, ficou conhecida como a ausência de doença, porém, hoje a visão que se tem dos indivíduos é uma visão mais completa, que inclui todos os aspectos biopsicossociais. Tendo a família e a escola uma grande responsabilidade nesse processo, pois são os primeiros grupos em que a criança é inserida (ASSIS; AVANCI, 2004).

Considerando que a autoestima se inicia na infância, as Diretrizes Curriculares para o Ensino de História Africana destacam que:

[...] a autoestima que a criança desenvolve é em grande parte interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual ela é alvo. Falar em autoestima das crianças pequenas significa compreender a singularidade de

cada uma delas em seus aspectos corporais, culturais e étnico-raciais. As pessoas constroem uma natureza singular que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio desde os primeiros anos de idade (BRASIL, 2007, p.22).

A formação da identidade segundo Erikson (1972), é um processo caracterizado principalmente pela observação e pela reflexão. Dessa forma os indivíduos percebem (observação) como outras pessoas os vêem e essa percepção implica diretamente na autopercepção (reflexão).

Assim, pode-se considerar, que a formação da identidade é individual e social, sofrendo mudanças no decorrer da vida do indivíduo, tais situações podem variar de acordo com a realidade social que o sujeito estiver inserido. A formação da identidade então é um processo de construção, que depende das pessoas que estão á volta, do meio em que se está inserido, do momento histórico em que se encontra, das mídias sociais, dentre outros fatores (LEPRE, 2017).

Dessa forma, se uma pessoa negra convive em uma sociedade em que considera cabelo crespo algo feio e motivo de chacota, os indivíduos que possuem esse tipo de cabelo, irão absorver “essas falsas verdades”, e trazerem para si, no processo de formação de identidade e ainda irão perpetuar tais crenças para outras gerações. O mesmo acontece em casos ao contrário, se em uma determinada sociedade a cultura negra for disseminada e respeitada, as pessoas que se identificam com ela irão considerar esse aspecto na formação de sua identidade (ANDRADE; SOUZA, 2010).

A construção da identidade é primordial no processo de constituição e inserção dos sujeitos no meio social, uma vez que todos os seres humanos necessitam de contato e interação social para serem saudáveis, porém, tal interação deve ocorrer de maneira saudável, caso contrário sofrerá vários danos. Como exemplo, pode-se citar uma criança que está no processo de formação da autoestima, porém ela percebe que seus colegas da escola não a valorizam e ela se sente excluída, não brinca e nem interage com as outras crianças, há grandes chances dessa criança desenvolver uma baixa estima, e se ver como alguém que não possui importância e que não é legal, já que as pessoas não gostam dela, além do mais, essas marcas podem durar uma vida toda para os indivíduos (ANDRADE, 2016).

Assim, percebe-se que, tanto a formação da autoestima, quanto a construção

da identidade, são intrínsecas ao meio, visto que, as pessoas internalizam o que está ao seu redor. Nota-se ainda que a infância é o período de formação dessas duas variáveis e que a criança não consegue formular teorias sobre elas mesmas, levando em consideração como o meio reage a elas.

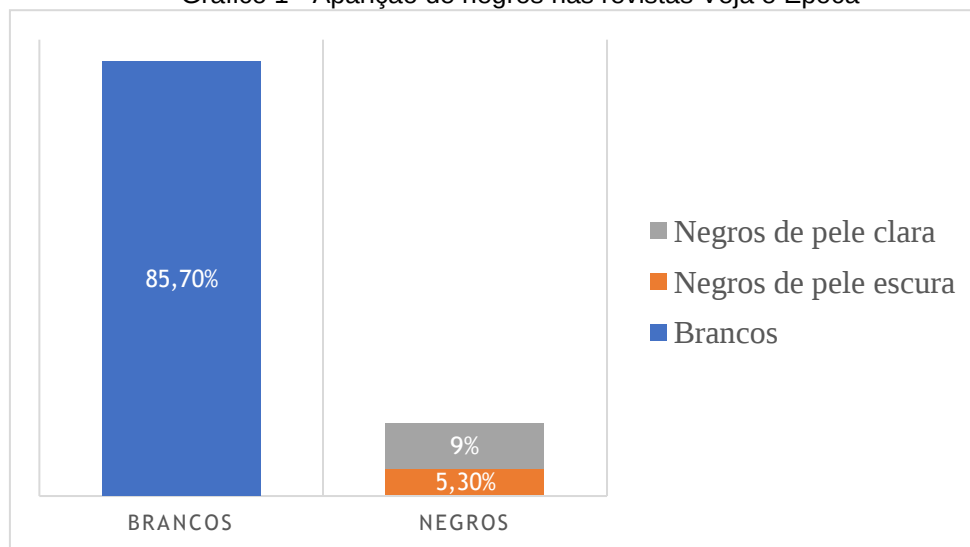
No próximo capítulo será abordado a temática da representatividade nos dias atuais, que engloba o meio que os indivíduos vivem, descritos neste tópico, e as influências que estes causam nos indivíduos, voltando sempre para o contexto da população negra.

4.4 TIPOS/LUGARES DE REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS DIAS ATUAIS

A mídia informa as pessoas, como também auxilia no processo de formação de opinião delas, no capítulo anterior foi visto o processo de construção da identidade e formação da autoestima, e como as mídias possuem um papel contribuinte para a formação dessas instâncias. No presente capítulo será abordado a temática de inserção/ausência do negro em diversos contextos, será apresentada tal inserção no contexto midiático, assim como o panorama atual da inserção/ausência do negro no meio, e quais as consequências que esses aspectos trazem para a população negra brasileira.

Em 2009, foi realizada uma pesquisa em duas renomadas revistas brasileiras (Veja e Época), o intuito era avaliar a quantidade de vezes que negros apareciam nessas revistas. Foram analisadas 104 edições ao todo, e verificou-se que 14,3% das publicações apareciam negros, porém, desse percentual 9% correspondiam a negros de pele clara e 5,3% de pessoas negras de pele escura (COSTA, 2016). Pode-se observar os dados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Aparição de negros nas revistas Veja e Época



Fonte: Costa, 2016

Briggs (2004) aponta que o negro inserido na mídia brasileira aparece como minoria comparado aos caucasianos, assim, as pessoas que acompanham as mídias televisivas entendem que como esses últimos aparecem em um quantitativo maior, logo são “melhores” e mais “bem vistos” que os negros, e conseqüentemente, tornam-se um padrão a ser seguido. Juntamente, há baixa recorrência de aparição de negros em tais mídias e sua predominância se dá de duas formas: a primeira como mercadoria (escravo) híper sexualizado ou infrator e a segunda como alguém domesticado, quieto e submisso, com baixa possibilidade de representar algo comum e do dia a dia, o negro sempre está envolvido em uma temática específica.

As empresas da mídia abrem um precedente para críticas, por não inserir o negro para desempenhar o papel de “cidadão comum” em diferentes contextos, pois, infere-se que, com essa representação, as pessoas iriam ver a população negra com outros olhos, de maneira igual a população branca, o que auxiliaria na prevenção/intervenção de preconceitos, estereótipos e propagação da violência racial. Ademais, o lugar que tais indivíduos ocupam em comerciais, noticiários, novelas e programas reforçam a ideia de que os brancos são reféns da imposta marginalidade dos negros, logo, a consequência de tal ato é a suposta ideia de uma visão negativa dos afrodescendentes e positiva dos brancos (BRIGGS, 2004).

Na maioria dos casos aparentes em novelas, tenta-se exibir a realidade social existente, porém a realidade demonstrada é sempre o negro como empregado, com papéis de inferioridade ou até mesmo papéis violentos. Sabe-se que, muitas vezes, o

negro desempenha sim tais papéis da vida real, porém, a questão é o por que não se mostra o negro inserido nas faculdades? Em grandes cargos em empresas? Bem-sucedidos e felizes? Ou ainda nos casos das mulheres, por que não mostram sua capacidade intelectual? (GRIJÓ; SOUZA, 2000).

O telejornalismo relata a figura dos negros com muitos estereótipos, o que causa novamente um impacto sobre a visão que as pessoas possuem sobre os mesmos, a figura deles é, geralmente, associada a coisas/situações ruins e o branco como a vítima nesse processo, dessa forma, a associação que as pessoas podem ter é que ser negro é ruim. Quando a mídia relata e associa notícias negativas a pessoas negras, ela reforça os estereótipos da percepção que a sociedade possui sobre os negros, o que não quer dizer que os jornais não devem relatar notícias sobre tais indivíduos, dessa forma a crítica está na omissão do negro como cidadão comum presente na sociedade sem a formação de estereótipos (GRIJÓ; SOUZA, 2005).

Ao disseminar tais ideias, a mídia deve considerar também o receptor das mensagens e as possíveis interpretações que os mesmos terão visto que, as pessoas associam as informações vistas com a realidade do meio em que vivem. A correlação da notícia observada com a realidade social pode fazer até com que a mensagem que teria que ser passada seja distorcida. Um exemplo da situação descrita acima, são as crianças negras, que crescem muitas vezes com o sonho de serem atletas, com perspectivas de futuro, já que a mídia reforça a imagem do negro no atletismo, não o mostrando em outras áreas, como a intelectual por exemplo, ou ainda quando crianças acreditam que seus futuros giram em torno do vandalismo e da criminalidade, já que essas são as notícias divulgadas (DOMINGUES, 2004).

Com a pressão da militância negra, os diretores de novelas e filmes brasileiros, começaram a introduzir pessoas negras no elenco, porém tal introdução teve como motivo a pressão da classe, se não a houvesse as mídias estariam estagnadas no mesmo contexto sem nenhuma representação social. Ao contrário da mídia tradicional, as mídias sociais abordam melhor a temática, tanto em questões de representatividade, quanto de fomento de discussões e trocas de conhecimento (ALAKIJA, 2016).

Os avanços da inserção do negro nas mídias estão evoluindo, analisando um contexto global, mais precisamente a 91ª edição do Oscar, pode-se perceber vários

recordes em relação a inserção dos mesmos na premiação, sendo a edição que esses ganharam o maior número de estatuetas da história da premiação. Em 2015, ocorreu um protesto chamado *Oscars so White*, motivado pela falta de indicações de obras de negros na premiação e que, de acordo com os resultados da última edição, surtiram efeitos (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

As indicações variaram desde designer de produção até trilha sonora, sendo que as premiações de negros foram: Regina King como atriz coadjuvante em "Se a rua beale falasse"; Mahershala Ali ator coadjuvante em "Green Book: O Guia"; Spike Lee como roteiro adaptado em "Infiltrado na Klan"; Kevin Willmott com roteiro adaptado em "Infiltrado na Klan"; Hannah Beachler com direção de arte em "Pantera Negra"; Ruth Carter com figurino em "Pantera Negra"; Peter Ramsey com animação, em "Homem-Aranha no Aranhaverso" (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Dentro da temática, o filme que mais recebeu destaque, foi Pantera Negra, tendo em seu elenco, atores majoritariamente negros. A produção da Marvel, sendo a produção de super-herói a ter mais indicações na história do Oscar recebendo premiações nas áreas de: Designer de produção; Figurino e Trilha sonora, teve uma enorme repercussão por trazer um contexto em que os heróis e heroínas eram negros e estavam inseridos em uma cultura correspondente com as suas estruturas fenotípicas, sendo valorizados e com várias qualidades (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2019).

Outro marco histórico, foi a eleição do Barak Obama nos Estados Unidos em 2008, se tornando o 44^o presidente dos Estados Unidos da América e o primeiro afro americano, Obama não utilizou da sua condição racial na disputa, disputou com o intuito de defender todas as raças e classes, o que comoveu os eleitores americanos. O mesmo se tornou referência no mundo todo, principalmente para os negros dos EUA, que a partir do protagonismo do presidente se viram representados e passaram a almejar mais sonhos. O presidente procurava defender os Americanos e trazer políticas inovadoras para o país, sua competência demonstrou que a cor da pele de nada influência (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2008).

No Brasil, a representatividade negra na mídia vem caminhando, mas, ainda é uma exceção, em maio de 2018, aconteceu um grande debate sobre uma novela da rede globo de televisão, novela intitulada como "Segundo Sol", a novela se passaria na Bahia, Estado no qual a grande maioria da população é negra, porém na novela a

maioria dos atores seriam brancos. A emissora recebeu uma notificação do Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro, por meio da Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidade e Eliminação da Discriminação no Trabalho (Coordigualdade), que possuía teor recomendatório e apontava 14 exigências que deveriam ser cumpridas (REVISTA VEJA, 2018).

Aproveitando a situação, o Ministério Público do Trabalho (MPT), ainda fez outras recomendações, a emissora deveria elaborar um plano de ação para inclusão e igualdade de oportunidades para a população negra, realizar um levantamento do número de artistas, jornalistas e comentaristas negros que trabalhavam na emissora e ainda desenvolver ações conscientizadoras sobre o racismo interna e externamente. O MPT concedeu um prazo de 10 dias para as regulamentações da novela e 45 dias para as demais recomendações (REVISTA VEJA, 2018).

A emissora, ao ser procurada pelas demais mídias, disse que respeitava a diversidade e não compactuava com nenhum tipo de preconceito, e iria realizar mudanças no roteiro da novela para que o mesmo se tornasse mais representativo. Com essa afirmação da emissora, cabe levantar uma questão: Se a emissora respeita a diversidade e não compactua com nenhum tipo de preconceito, por que precisou de intervenção do Ministério Público do Trabalho para colocar atores negros em um estado de pessoas negras? A falta de representatividade também se configura como racismo (REVISTA VEJA, 2018).

Os autores Luiz Augusto Campos e João Feres Júnior, realizaram um estudo em 2016, intitulado “‘Globo, a gente se vê por aqui?’ Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985 - 2014)”, neste, foram analisadas fotos dos atores e atrizes que interpretavam personagens centrais das telenovelas. As fotos foram analisadas pela equipe de pesquisadores do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), grupo de pesquisa do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), e a classificação foi feita de acordo com as categorias de cor: branco, pardo, preto ou amarelo, essas cores são utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (CAMPOS; JUNIOR 2016).

Dessa forma, as 156 telenovelas brasileiras que foram apresentadas entre os anos de 1985 e 2014, possuíam 91,2 % dos seus personagens centrais brancos,

somente 8,8% dos atores e atrizes não eram brancos. Das novelas analisadas, 26 possuíam em sua trama central 100% dos atores classificados como brancos, sendo que, o máximo de representatividade negra existente, foram em 8 novelas, nas quais, 20% ou mais, do seu elenco principal, composto por atores e atrizes eram classificados como pretos e pardos. Se tratando de protagonistas, o número ainda é mais inferior, foram 93% das novelas protagonizadas por brancos, contra 7% com, ao menos, um dos protagonistas sendo pretos ou pardos (CAMPOS, JUNIOR 2016). Como pode se observar no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Atores protagonistas das novelas da Rede Globo (1985 – 2014)



Fonte: Campos; Junior, 2016

As novelas com protagonistas pretos e pardos são: Viver a Vida, Cheias de Charme e Da Cor do Pecado com a atriz Taís Araújo; Cama de Gato com Camila Pitanga e Marcos Palmeira; Kubanacan com Marcos Pasquim; Porto dos Milagres com Marcos Palmeira; Meu Bem, Meu Mal e O Salvador da Pátria ambas com Lima Duarte; Gabriela 2ª edição e Caminho das Índias ambas com Juliana Paes e Lado a Lado com Camila Pitanga.

Pode-se perceber a repetição existente dos atores, a maioria fez entre duas a três novelas, bem como o tom de pele dos mesmos, os atores Marcos Palmeiras, Juliana Paes, Marcos Pasquim e Lima Duarte devido as suas características fenotípicas podem se passar facilmente como brancos pela sociedade, se esses fossem classificados na pesquisa como brancos, o número de protagonistas se reduziria a Camila Pitanga e Taís Araújo (CAMPOS, JUNIOR 2016).

Ainda na pesquisa dos autores, foi notado que a emissora não possuía nenhum

escritor ou diretor negro ou pardo, 100% desses profissionais eram brancos, dessa forma, é possível compreender um dos motivos da ausência de atores negros, já que a seleção e contratação para as novelas são feitas por estes profissionais, e os mesmos inserem poucos atores e atrizes de pele retinta. Quando são inseridos recebem um papel estereotipado, papéis centrados na escravidão, nas favelas, em periferias e nos campos (CAMPOS, JUNIOR 2016).

Pôde-se perceber neste capítulo, o andamento da representatividade negra no Brasil, e ainda realizar um comparativo de tal fenômeno em outros países. No Brasil, o processo representativo vem sendo debatido e discutido, porém as discussões ainda não foram para a prática, sendo fácil perceber a falta de representatividade, nos filmes, nas novelas, nos produtos de beleza, nos brinquedos, nas modelos, nos apresentadores de TV, nos governantes, nas universidades, dentre outros espaços. No capítulo, foi descrito a representatividade com ênfase na mídia, porém sabe-se dá importância da representatividade em outras interfaces.

Cabe aqui destacar que, retirar do negro o direito de ser representado, se configura como racismo, afetando os Direitos Humanos. A relação entre Psicologia e Direitos Humanos está na preocupação de elencar como as situações de violação de direitos afetam na subjetividade humana, e o danos que são acarretados. Dessa forma, os profissionais de psicologia auxiliam através de seus conhecimentos, para a realização da denúncia qualificada e para auxiliar na luta pelas transformações das situações violadoras de direitos, uma vez que o posicionamento da Psicologia deve estar respaldado na defesa de uma sociedade justa e igualitária (CRP/SP, 2017).

Na próxima sessão denominada “discussão e considerações finais”, será realizada uma relação entre os temas abordados nessa sessão, autoestima, construção da identidade e a representatividade negra, realizando uma correlação entre os três temas afim de responder à pergunta de pesquisa: Quais evidências científicas correlacionam a representatividade com a autoestima e a formação de identidade dos negros?

5 DISCUSSÃO

Estudar a temática do negro no Brasil é algo complexo, uma vez que a quantidade de material publicado é extremamente escasso, pouco se discute sobre o racismo e suas consequências psicossociais, entretanto é de suma importância trabalhar com o tema, já que os estudos científicos produzidos fomentam os debates e discussões. Durante as buscas por fontes científicas não foram encontradas obras contendo os três conteúdos: autoestima, identidade e representatividade negra, assim será realizada uma discussão entre os temas a partir dos dados coletados na revisão de literatura.

A representatividade ocorre nos mais diversos lugares, se tratando de representatividade negra positiva, pode se considerar espaços em que o negro de alguma forma aparece como alguém, feliz, inteligente, sucedido, ou apenas como alguém normal, sem nenhum estereótipo pré rotulado, que só leva em consideração seu tom de pele.

Se tratando de autoestima, Vasconcelos (2017) trouxe que a mesma é um fenômeno que caracteriza o que os seres humanos sentem por si próprios, o autor cita ainda que o meio, a realidade social e como o indivíduo interage com tal realidade, influenciam diretamente em como o mesmo irá se auto avaliar. No presente estudo, trabalhou-se com a perspectiva de Rosenberg (1965), o qual traz que, a autoestima está ligada ao meio em que se encontra o indivíduo e a importância do mesmo em estar integrado ao meio social em que vive. Outro ponto é que as crianças não possuem uma autopercepção, dessa forma analisam os comportamentos dos adultos em relação a elas, e constroem uma visão sobre si a partir dessa percepção.

Erikson (1972) traz que a construção da identidade, assim como a formação da autoestima, também depende do meio, uma vez que os indivíduos observam como as outras pessoas reagem a ela, e como essa informação refletem sobre si mesmas, construindo uma identidade, que se dá principalmente na infância e adolescência, sendo que, o meio no qual ele estará inserido é um importante determinante sobre como o indivíduo irá se ver. Quando é analisado estes dois fenômenos, autoestima e identidade, pode-se perceber que ambos dependem do meio social, uma vez que, na temática da população negra, a representatividade é um dos meios sociais destes indivíduos (COSTA,2016).

Analisando a representatividade negra no Brasil, pôde-se perceber que, os números insuficientes de representação, as aparições na mídia e afins são escassas, e a maioria acabou por estereotipar a figura do negro, quando estes aparecem. Costa (2016) traz que de 104 edições publicadas das revistas Veja e Época, somente 14,3%as publicações apareciam negros, e desse número 5,3% eram negros de pele escura e os outros 9% de negros de pele clara, ou seja 85,7% das publicações eram formadas por pessoas brancas.

De acordo com a pesquisa realizada por Campos e Júnior (2016), em que foram analisados os personagens das novelas da rede Globo de televisão nos anos de 1984 a 2014, das 156 novelas apresentadas 91,2% eram de personagens de pele branca e 8,8% eram de peles não brancas (negros e pardos), o número desce mais ainda quando se analisa os personagens principais, das novelas analisadas 93% dos protagonistas eram brancos e 7% possuía pelo menos um dos protagonistas negros ou pardos.

Diante dessas e outras situações, as crianças negras já crescem com tais rótulos e “ideais”, as mesmas se vêm pouco nas novelas, nos desenhos, nos filmes, na política, nas universidades, dentre outros espaços sociais. Imaginando uma criança negra com traços negroides que entra no primeiro ano da escola, juntamente com outras crianças brancas que estão inseridas nesse contexto de preconceitos e estereótipos, formados pela sociedade, estes se recusam a brincar e interagir com a criança negra por causa do seu tom de pele e características físicas, como esta criança irá se sentir? Como será sua construção de autoestima? E a construção da identidade, que começa a ser construída nessa época ? Ressaltando que as crianças não nascem preconceituosas, mas, tornam-se de acordo com o contexto em que vivem.

Porém, o que as crianças, seus pais e a sociedade veem, é a representatividade negra negativa existente, como os dados apresentados pelo IBGE de 2014, que dentre a população de desempregados do país 63,7% são negros, ou seja, de cada 3 desempregados 2 eram negros; que brancos recebem em média 2.757 reais, enquanto os negros 1.531 reais; que os negros estão entre, apenas, 14% da população rica do país. Dados como estes refletem na autopercepção dos negros e na formação da autoestima, uma vez que ambas dependem do meio social em que vivem.

A representatividade positiva nesse processo atua nos dois níveis, da vítima e dos agressores, uma vez que uma criança quando se vê em diversos contextos, tendo

papéis importantes, sendo considerada bonita, valorizada e capaz, terá maiores chances de desenvolver uma boa autoestima, e se tornará mais resiliente diante dos preconceitos vivenciados. As crianças que acabam por se tornar agressoras, inseridas em um contexto que há representatividade negra, terão menores chances de se tornarem preconceituosas, já que o que se torna visto, frequentemente, deixa de ser considerado como “anormal”, o mesmo exemplo vale para os adultos que são vítimas de racismo e os que são praticantes do ato.

A representatividade deve estar atrelada junto a educação no meio social, pois o meio social deve ser representativo, porém diante da realidade e história do negro no Brasil, são necessárias também discussões e reflexões, uma vez que são mais de

400 anos de sofrimento e preconceito, que demandará de tempo para serem esgotados ou amenizados. Consequentemente, as discussões e a representatividade tendem a aumentar, pois haverá uma maior igualdade e espaços para todas as características de pessoas e papéis a serem desempenhados, sendo necessária uma mobilização de todos, pesquisadores, escolas, políticas públicas, sociedade, pais/mães, jornais, escritores, cineastas, cantores, produtores, universidades, dentre outros espaços.

A psicologia também faz parte do processo de mudança da realidade do negro no Brasil, em entrevista para o jornal do Conselho Federal de Psicologia, Valter da Malta, integrante da Comissão de Direitos Humanos do CFP (Conselho Federal de Psicologia), disse que, com relação a saúde mental dos negros em relação ao racismo, duas instâncias são afetadas, são elas a identidade e a autoestima. Uma vez que, já que não se tem referenciais de representação valorizada (heróis, pessoas bonitas, inteligentes) resta a tal grupo se identificar com a “inferioridade natural” ou negar suas origens e raízes, instala-se assim uma baixa autoestima, pela desvalorização e crença de que é inferior.

Tais pensamentos podem somatizar e acabar por ter consequências graves como a depressão, o alcoolismo, a ansiedade, a autodepreciação e a síndrome do pânico, todos os indivíduos são propensos a ter doenças psíquicas, os negros devido ao ambiente racista, são ainda mais propensos. Nesse caso como o profissional de psicologia é habilitado a falar e gerar discussões sobre as doenças psíquicas ele deve conscientizar a sociedade sobre os malefícios do racismo, tanto para negros quanto para não negros, pois um ambiente doente acaba por adoecer todos os que dele fazem

parte (CFP, 2015).

Malta (2015) diz ainda que acredita que os psicólogos estão despreparados para trabalhar com a relação do racismo no Brasil, devido ao contexto histórico da profissão. Ressalta ainda, a ausência de se trabalhar questões raciais no ensino superior, apesar da existência de Leis (10.639/2003 e 11.645/2008) que colocam o ensino da história e cultura afro-brasileira como ensino obrigatório em todos os níveis da educação, que possuem os objetivos de proporcionar um ambiente escolar democrático, expondo todas as diversidades e tornando possível que todos saibam as verdadeiras histórias de seus antepassados. O autor coloca ainda a resistência dos alunos nas universidades de discutir sobre a temática e a dificuldade dos professores universitários em fomentar tais debates e discussões.

Percebe-se que embora muitos digam não ter preconceitos ou ainda acreditam que no Brasil não exista racismo, fundamenta mais ainda a tese de que falta discussão sobre os negros nos mais diversos lugares, é a chave para acabar com o preconceito racial. É um grande papel da mídia fomentar essa discussão, uma vez que a mesma possui grande influência na formação de pensamento da sociedade, porém a realidade é que a mesma acaba por reforçar os estereótipos negativos dos negros.

Como os negros na maioria das vezes são pouco representados, os mesmos se apegam as poucas representações positivas existentes, por isso nomes como: Barak Obama (ex presidente dos Estados Unidos da América), Glória Maria (jornalista); Maria Júlia Coutinho (jornalista); Beyonce (cantora); Ludmila (cantora); Joaquim Barbosa (ex ministro do Supremo Tribunal Federal); Iza (cantora); Nelson Rolihlahla Mandela (ex presidente da África do Sul); Carlos Machado (escritor); Cruz e Souza (escritor), são tão importantes para os mesmos, fazendo-os a sonhar com um novo futuro, pois se estas pessoas conseguiram uma ascensão todos poderão, a mídia deve se atentar a essa realidade, uma vez que novas gerações chegam, e a construção da identidade dessas crianças dependem do meio em que estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a confecção do presente Trabalho de Conclusão de Curso, muitas dificuldades foram encontradas, porém a cada dificuldade era visto o quanto o mesmo era necessário para uma grande causa, o racismo e o ambiente racista, machuca as pessoas, atribuir estereótipos as pessoas somente por seu tom de pele é uma forma de ignorância e o conhecimento e o acesso a informação disseminam a ignorância. Dessa forma apesar do pouco material encontrado, do ambiente não contribuir, o trabalho foi motivador e inspirador, ao ponto de ascender uma chama para a continuação da presente pesquisa.

Dessa forma concluo que, a partir dos dados levantados, percebe-se que a representatividade é de suma importância para a população negra e para a sociedade no geral, já que a sua falta se configura como racismo, causando diversos danos psicossociais para a sociedade. Pode-se considerar que a pergunta de pesquisa da presente Revisão Narrativa foi respondida, já que a autoestima e a identidade são formadas com a contribuição do meio social, e a representatividade faz parte do mesmo. Os objetivos foram respondidos, apesar da literatura ser escassa, foi possível discutir de maneira precisa a correlação entre os temas (autoestima, identidade e representatividade).

É importante ressaltar ainda, a necessidade da produção de materiais empíricos por futuros pesquisadores e, a discussão sobre o tema no meio científico, afim de analisar e realizar estudos profundos sobre a importância da representatividade para os negros, visto que a população negra é carente de estudos voltados para os seus sentimentos e particularidades. Com as pesquisas realizadas, é necessário que sejam desenvolvidas e realizadas políticas públicas voltadas a prevenção dessas situações e fornecer a população acesso a tais informações.

REFERÊNCIAS

ALAKIJA, A. **Mídia, poder, democracia, educação e etnia**. In: conceição, Fernando. (Org.). Educação Comunicação Globalitarismo a partir do pensamento de Milton Santos. Salvador: Edufba, 2008.

AMARAL, SHARYSE PIROUPO. **História do Negro no Brasil**. Brasília: CEAO- UFBA, 2011. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf_242.pdf. Acesso em: 8 maio 2019.

ANDRADE, Claudia. **A construção da Identidade, Auto-conceito e Autonomia em Adultos Emergentes**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00137.pdf>> Acesso em: 3 maio 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. **Criança negra na televisão brasileira**. Rio de Janeiro: Rio Mídia, 2007

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. BECKER, Daniel. O que é adolescência? São Paulo: Brasiliense, 1997

ASSIS, SG., and AVANCI, JQ. **Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection. 208 p. ISBN 978-85-7541-333-3.

BRANDEN, **Auto-Estima e os seus seis pilares**.1995 São Paulo: Editora Saraiva.

BRASIL. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.sec.ba.gov.br/jp2011/legislacao/lei_10639.pdf> Acesso em: 17 maio 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). Referencial Curricular para a Educação Infantil - Vol. 2. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de história e cultura afro- brasileira e africana**. Brasília, 2005.

BRIGGS, Asa; e BURKS, Peter. **Uma História Social da Mídia** – de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CAMPO, Luiz Augusto; JÚNIOR, João Feres. “**Globo, a gente se vê por aqui?**” **Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985–2014)**, Rio de Janeiro, 8 maio 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/118380>> Acesso em: 10 maio 2019.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. **A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier**. In: CHARTIER, R. (org.) Práticas de Leitura. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 229-254.

CHIAVENATO, Júlio José. **Negro no Brasil** – da senzala à guerra do Paraguai. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980 Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Psicologia e Preconceito Racial**. São Paulo: CRP/SP, 2007. Disponível em: http://www.crp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/1/frames/caderno_01_psicologia_e_preconceito_racial.pdf. Acesso em: 08 de maio de 2019

COSTA, Kátia Regina R. **Ser negro à vista**: construção verbo-visual do negro na propaganda impressa, UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 2010

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. 1ª científica em ciências sociais São Paulo: Atlas, 1989.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. Acesso em: 17 maio 2019.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma História não contada** – negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac, 2004.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**, São Paulo, 23 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2019

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Representação do Negro em Jornais no Centenário da Abolição da Escravatura**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993. 185p

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 31, n. 2, p. 3743892001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200013&lng=en&nrm=iso>. acesso em: 2019.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. **O negro na telenovela brasileira** : A representação nas telenovelas da TV Globo na década de 2000, Recife, PE, 6 set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2918-1.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2019.

HALL, Stuart. (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: The Open University, 1997. p. 225-290.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2014. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 de fev. 2019

JAMES, W. **The Principles of Psychology** (Vol. 1). New York: 1980

JORNAL CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O racismo é, sim, promotor de sofrimento psíquico**. 2015. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/o-racismo-e-sim-promotor-de-sofrimento-psiquico/>>. Acesso em : 14 de maio de 2019

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Oscar 2019 promove diversidade ao premiar mais negros e mulheres**. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/02/24/oscar-2019-promove-diversidade-ao-premiar-mais-negros-e-mulheres.htm>> acesso em 5 de maio de 2019

JULIO, L. Ana. **Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras**. 2011.

KOLLER, S. H. **Manual Da Produção Científica**. Porto Alegre: Penso, 2014

LEPRE, Rita Melissa. **ADOLESCÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237343201_ADOLESCENCIA_E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE> Acesso em: 16 maio 2019.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra**, Urberlândia, MG, 20 maio 2018. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf> Acesso em: 1 maio 2019.

MARTINS, S. T. Heloisa. **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300,. 2004

MARTINS, Thais J. **Identidade negra e classe média negra na pós-modernidade**. Revista África e Africanidades, ano I, n.1 maio, 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Identidade_negra_e%20classe_media_negra_na%20pos_modernidade.pdf>. Acesso em: 09 de maio de 2019

MOURA, Glória. **Navio Negreiro-Batuque no Quilombo**. CNNCT. São Paulo, p.30 1996

OLIVEIRA, F. Maxwell. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. 2011 Disponível em: https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf acesso em 02 de maio de 2019

PRESTES, Clélia R. S.; PAIVA, Vera S. F. **Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. Saúde soc.** [online]. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902016000300673&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 3 de maio de 2019

PRESTES, S. R. Clelia; PAIVA, F. S. Vera. **Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência**. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412902016000300673&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 08 de maio de 2019

REVISTA VEJA. **‘Segundo Sol’**: associação processa Globo por falta de negros em trama, 2018, LINK: <<https://veja.abril.com.br/blog/bahia/segundo-sol-associacao->

processa-globo-por-falta-de-negros-em-trama/>. Acesso em: 12 de maio

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Scielo Books, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>> Acesso em: 6 maio 2019.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. 1965 Princeton: Princeton University Press

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 20, n. 2, p. v-vi, June 2007 Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 maio 2019

SANTOS, Marzo Vargas dos; MOLINA NETO, Vicente. **Aprendendo a ser negro: a perspectiva dos estudantes.**, São Paulo , v. 41, n. 143, p. 516-537, Aug. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000200010&lng=en&nrm=iso>. acesso em: 16 de maio

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 37, n. spe, p. 172-185, 2017 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000500172&lng=en&nrm=iso>. acesso: 15 de maio

SILVA, Monalisa Nanaina ; SANTOS MONTEIRO, Juliana Cristina. Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde. **Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde, Revista de Enfermagem da USP**, 24 maio 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v52/1980-220X-reeusp-52-e03399.pdf>. Acesso em: 7 maio 2019.,

SILVA, Monalisa Nanaina; SANTOS MONTEIRO, Juliana Cristina. **Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde, Revista da escola de enfermagem da USP**, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v52/1980-220X-reeusp-52-e03399.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

Staerke, R. **Auto-estima em psicologia, uma proposta de definição**. 1996 Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Psicologia

STREIT, Maíra. Exclusão racial no topo. **Correio Braziliense**, [S. /], 19 mar. 2017. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/tf_carreira/2017/03/19/tf_carreira_interna,581923/exclusao-racial-no-topo.shtml> Acesso em: 6 maio 2019.

VASCONCELOS, S. Helena. **Autoestima, autoimagem e constituição da identidade: um estudo com graduandos de psicologia**. 2017. Disponível em: < <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1565> >. Acesso em: 3 de maio de 2019

VERGNE, Celso de Moraes. VILHENA, Júnia. ZAMORA, Maria Helena. ROSA, Carlos Mendes; **A palavra...é genocídio: a continuidade de práticas racista no Brasil; psicologia & sociedade**, 27(3), 516-528, Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2015.